

BREVE NOTA SOBRE O IMPACTO INTERNACIONAL DA PANDEMIA DE 2020: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ANÁLISE ESTRATÉGICA

Paulo Fagundes Visentini
Coordenador do NERINT/UFRGS

A origem da atual pandemia está envolta em teorias da conspiração, mas o que se sabe é que ela atingiu os fundamentos do sistema mundial baseado na globalização econômica, reforçando antagonismos nacionais e sociais. Analisar a situação durante a imprevisível evolução da mesma é arriscado, mas o custo de não tentar é ainda maior, dada a confusão e manipulação reinantes. As dimensões e velocidade da propagação do vírus são inéditas, pois o mundo está muito mais urbanizado e conectado do que em pandemias anteriores. Estratégias e narrativas dominantes simplesmente perderam sentido, deixando um vácuo que é preenchido por ações reativas de curto prazo. Mas será que a *hard politics* está paralisada, ou a crise cria condições para que determinados projetos sejam implementados quase sem oposição?

A crise já crescia antes da pandemia

O analista deve ter sempre em foco o contexto no qual o objeto ou processo estudado se encontra, particularmente a situação precedente, para avaliar seu provável impacto. Desde 2009 ocorre uma reação norte-americana e britânica como resposta à crise do *subprime* e da Zona Euro, primeiro com Barack Obama e, depois, com Donald Trump. Ela consistiu em mais medidas de orientação neoliberal no nível interno e novas formas de conflitos no plano

internacional. Donald Trump não criou a agenda, apenas assumiu-a com uma lógica empresarial, sem a mediação retórica diplomática e multilateral dos Democratas, que também defendem *America First*. Há quase dois anos o crescimento econômico mundial vinha desacelerando, fenômeno que se acentuou na passagem do ano, ameaçando a recuperação econômica da administração Trump em plena disputa pela reeleição.

No contexto pré-pandemia houve o *Brexit*, a tentativa de Revolução Colorida em Hong Kong e a taxação de produtos chineses (além de pressões contra a tecnologia 5G) e franco-alemães pelos EUA. Também ocorriam protestos massivos na Colômbia, Equador, Chile, Líbano e Iraque, que podem ser contidos ou explodir de forma mais intensa após o fim da quarentena. Foram ampliados, ainda, os embargos contra o Irã e a Venezuela, a pressão armamentista e petrolífera contra a Rússia (com a queda dos preços antes da pandemia) e o progressivo esvaziamento do sistema multilateral político e econômico. Os supostos ganhos norte-americanos nos anos recentes, além de enfraquecerem as bases internacionais em que a própria liderança de Washington se apoia, se esvaziaram com a recessão econômica causada pelo rápido avanço da pandemia nos Estados Unidos.

Durante a década anterior, as sociedades se fragmentaram política e socialmente e se desorientaram ideologicamente nas redes tecnológicas chamadas “sociais”. O rápido avanço do trabalho por aplicativo e pela subcontratação de autônomos (“empreendedores”) fragmentou o mundo do trabalho a tal ponto que o volume da ajuda financeira necessária aos precarizados surpreendeu os próprios governos. O contato virtual entre as pessoas, através de redes monitoradas e indutoras, diluiu qualquer forma de atuação política coletiva eficaz. Grande parte do convívio social se converteu em virtual e a participação política se tornou eletrônica e inócua, confundindo fantasia e realidade. O 1984 de Orwell se fundiu com o *Admirável Mundo Novo* de Huxley em um cenário sombrio.

Em entrevista recente, Noam Chomsky afirmou crer estar havendo a formação de uma Internacional Conservadora, que teria como resposta a emergência de uma Internacional Progressista. Essa seria baseada em personalidades progressistas, como Bernie Sanders, Estados que ajudam materialmente (China) ou com médicos (Cuba) e a sociedade civil, impulsionada por iniciativas solidárias (que, na verdade, são minoritárias). Tudo em oposição aos líderes conservadores dos EUA, leste europeu e Índia, entre outros. O problema é que muitas pessoas acreditam que basta postar mensagens de adesão ou apoio a uma iniciativa “politicamente correta” para que ela se torne realidade.

Chomsky é conhecido por sua visão crítica e ética, mas também por se

orientar por uma espécie de *pensamento mágico* sem uma análise mais acurada da realidade e suas contradições. Hoje, como durante a Grande Depressão dos anos 1930, muita gente pensa que a crise terá uma resposta progressista como reação lógica à gravidade e à brutalidade da situação atual. Todavia, o que está difícil pode se complicar ainda mais. Naquela época o desemprego massivo e a mobilização resultante tiveram como resposta o fascismo, o nacionalismo genocida e a guerra mundial.

O impacto social e o mundo do trabalho

O que assusta é o impacto que o meteoro Covid-19 teve sobre a sociedade e a manipulação política da pandemia por autoridades, do nível internacional e nacional ao municipal. A classe média (segmento “esclarecido”) entrou em pânico irracional, recolhida em quarentena total e ignorando amplos setores da sociedade com empregos informais (assim como os ilegais e os refugiados), largados à própria sorte. Um verdadeiro “salve-se quem puder”, especialmente nas nações de menor desenvolvimento. O encerramento da população, em países pobres, sem políticas públicas consistentes, atingiu o paroxismo na Índia. O Primeiro-Ministro avisou poucas horas antes a 1,4 bilhões de pessoas que haveria recolhimento total, criando pânico e tensão em uma população desorientada.

Charlatões postam “análises” recicladas, espalhando boatos. No Sul Geopolítico parlamentares em reuniões por videoconferência, às vezes à noite, aprovam reformas que terão impacto social negativo duradouro. Sindicatos esvaziados são obrigados a aceitar formas de flexibilizar ainda mais o trabalho para evitar desemprego total, enquanto algumas grandes empresas são socorridas. Na confusão reinante, até mesmo pessoas sérias defendem o *Home Office* antissocial e anti-trabalhista, em que o empregado paga os custos e as pessoas perdem a dimensão coletiva do trabalho. E as lutas políticas seguem seu curso e até aceleram, com a população desmobilizada em casa.

Modelos nacionais postos à prova

A pandemia evidenciou a existência de dois grupos de Estados: um está sendo eficiente no manejo da crise (Coreia do Sul, China, Alemanha, Vietnã) e outro ineficiente (o caso norte-americano é paradigmático, para não falar dos periféricos). Simplesmente há governo e estrutura de *saúde pública* nos primeiros, enquanto o modelo de saúde privada produziu uma tragédia desnecessária nos Estados Unidos, onde grande parte da população não pode

pagar. No Brasil, o debilitado SUS se mostrou mais abrangente do que a medicina privada, que atende a um número limitado de pacientes. E muitos deles vão ser obrigados a deixar os planos de saúde privada por redução da renda ou desemprego. Na Europa também é visível a diferença entre o modelo (ainda majoritariamente) público em países da União Europeia em contraposição ao inglês, debilitado e cada vez mais privado.

Em lugar de nos fixarmos nos números absolutos, deveríamos considerar a proporcionalidade *per capita* e as condições sociais das vítimas. Daí surgiria um mapa muito diferente. Mas o interessante é que essa diferença entre *Estado e mercado* é ocultada por acusações sobre a responsabilidade pelo surgimento ou disseminação do vírus. A pressão psicológica induzida e o domínio das redes talvez obscureçam um juízo mais embasado sobre a necessidade da manutenção de redes públicas de saúde e de governos que, efetivamente, tenham meios de implementar políticas públicas, por oposição ao Estado mínimo ou fragmentado em rivalidades políticas. Em um quadro de crescente xenofobia, a China e o imigrante são apontados como inimigos – e já não se fala mais em refugiados.

Perspectivas

O quase desaparecimento das viagens de trabalho e de turismo, que eram massivas, a redução drástica do comércio, a semiparalisa da produção e a queda do consumo tornam incerto o cenário econômico futuro da globalização. Muitos analistas acreditam que a pandemia abriu espaço para políticas keynesianas econômica e socialmente progressistas. Todavia, isso depende da dimensão política, que é pouco considerada. Durante a Grande Depressão os Estados Unidos e a Alemanha adotaram políticas de tipo keynesiano, mas com meios e objetivos diametralmente opostos.

A ajuda emergencial aos desempregados é sustentável por um período prolongado e comparável ao socorro às grandes corporações privadas em vias de falência? A estatização, total ou parcial, de companhias aéreas em dificuldade pode ser uma forma de cobrir prejuízos privados com recursos públicos, para depois reprivatizarem. Afinal, a maioria dos governos segue políticas liberais e não visam utilizar o Estado como base de um modelo de desenvolvimento, e sim como ferramenta de gestão da crise, com a exceção da China e de outros poucos países. A própria sociedade, em grande medida, absorveu uma visão individualista, consumista e cultural neoliberal. Mas que rumo tomará sua frustração futura, quando se der conta de que o mundo não voltará a ser o mesmo após a pandemia?

Por outro lado, a crise econômica está implicando em uma gigantesca transferência de patrimônio social e nacional. Há segmentos que sairão da crise enriquecidos e outros arruinados, pois o impacto da crise é desigual. Muitos países se encaminham para um provável colapso, enquanto outros estão em melhor posição de impor suas agendas, mesmo que relativamente enfraquecidos. O desemprego massivo e as novas regras trabalhistas, supostamente emergenciais para “salvar empregos”, podem conduzir o modelo neoliberal a uma espécie de apoteose, em que uma sociedade amedrontada aceitará a situação passivamente, pois a única crise identificada é a sanitária.

Imagens de ruas desertas de pessoas, mas, às vezes, com animais silvestres passeando curiosos, levantam uma contradição que, ao mesmo tempo, assusta e encanta. A crise gerada pela pandemia demonstra que o modelo social vigente está seriamente desgastado e carece de capacidade de mudança (mas pode prosseguir por inércia). Todavia, a sociedade está confusa e amedrontada, o que é politicamente perigoso. Não parece haver uma internacional dos governos conservadores, baseada em identidades ideológicas, porque eles estão divididos e tem interesses materiais conflitantes. Por outro lado, em 150 anos os “progressistas” nunca estiveram tão fragmentados e confusos. Esse é o impasse que está elevando a tensão do mundo, sendo o vírus apenas um elemento catalisador.

Há espaço para governos, por razões de sobrevivência, alterarem o rumo de sua estratégia de desenvolvimento, bem como certa margem de manobra, porque a questão nacional está retornando com força, mas pode tomar diferentes direções. A mega-urbanização demonstrou ser contraproducente e a utilização hedonista e irresponsável da natureza, como forma de obter lucro fácil, se encontra sob crítica redobrada. O espaço para uma política de estímulo a obras públicas está aberto, mas, como em 1929, importantes interesses se opõem.

Por fim, a crise pode gerar situações de tensão internacional provocadas por necessidades políticas internas e, como nos anos 1930, desembocar em conflitos armados. A Índia, por exemplo, com crescimento demográfico acelerado e problemas de governança, pode se tornar um elemento de instabilidade, com o agravante de ser uma potência nuclear. Outros não tem a mesma capacidade e posição geopolítica. Conflitos como os do Iêmen, Afeganistão e Síria praticamente desapareceram dos noticiários e das análises acadêmicas.

É bem provável que a China não aceite um rebaixamento na hierarquia do poder mundial, e que um dólar valorizado propicie aos EUA maior capacidade financeira de investimento externo, sem uma base material

compatível. O capital seria utilizado para adquirir patrimônio já existente, não gerando nova atividade produtiva como no caso dos investimentos asiáticos em infraestrutura e geração de energia, fomentando perigosas disputas na periferia. São questões especulativas, abertas à reflexão, em um momento em que o mundo se encontra em situação incerta.

Porto Alegre, 26 de maio de 2020.